



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SANGRADORES CARIOCAS: O OFÍCIO DE SANGRAR NO SÉCULO XIX

Rodrigo Aragão Dantas

FIOCRUZ/COC

aragao02@hotmail.com

A sangria era um recurso terapêutico amplamente usado ao longo de todo o século XIX, e sua prática era extremamente difundida. Na cidade do Rio de Janeiro era praticada principalmente por forros e escravos. Com a crescente institucionalização da medicina ao longo do século XIX, a sangria praticada por forros e escravos foi sendo desqualificada. Neste trabalho pretendemos analisar o exercício da arte de sangrar no Rio de Janeiro e suas modificações na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX.

Como vimos anteriormente a sangria no Rio de Janeiro era praticada principalmente por escravos e forros (PIMENTA, 1997), já que se tratava de uma arte mecânica e sua prática era vista como algo inferior. Muito embora essa concepção seja corrente, ao longo de todo o século XIX, a sangria vai sendo desautorizada no tocante da sua prática feita por escravos e forros, passando a ser preferencialmente exercida por pessoas consideradas mais aptas, como alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esse movimento de desautorização da prática da sangria ligada aos terapeutas populares é demonstrado pelo trabalho de Pimenta (1997), sobre a Fisicatura-Mor. A Fisicatura-Mor era um órgão do governo português que regulamentava as práticas de cura em todo o Império. Os mais variados praticantes dos ofícios de cura se remetiam à Fisicatura pedindo autorização para suas práticas, como exemplo temos principalmente: boticários, médicos, cirurgiões, parteiras, curandeiros e sangradores (PIMENTA, 1997). Todas essas categorias se remetiam a esse órgão para serem autorizadas a fazerem as suas práticas. É importante notar a presença de curandeiros e sangradores, tinham seu espaço de atuação garantida pelo menos até o final da década de 1820.¹ A extinção da

¹ Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, a Fisicatura também se transfere para o Rio de Janeiro e vai funcionar expedindo cartas e licenças até o ano de 1828, quando foram extintos os cargos de Físico-Mor e Cirurgião-Mor do Império.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Fisicatura vai ao encontro com o movimento anti-lusitano presente nas primeiras épocas da independência, onde o governo brasileiro era pressionado a se distanciar ao máximo do português, e sendo a Fisicatura um órgão de origem portuguesa isso contribuiu para sua extinção. Com a extinção da Fisicatura se abre um hiato quanto à responsabilidade pelas autorizações para as práticas de cura no Brasil, muito embora a maior parte dos terapeutas populares, e sangradores, não pedissem permissão para exercer suas práticas. A partir de 1830 a responsabilidade frente à regulamentação das práticas terapêuticas fica a cargo da Câmara Municipal, sendo que essa não emitiria novas autorizações e sim só autorizaria a prática dos agentes que já fossem autorizados. Os boticários, parteiras e sangradores não seriam mais avaliados e a categoria de curandeiros ficava totalmente à margem do sistema oficial. Esse período de indefinição vai durar até o ano de 1832 quando a Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro passa a ser a Faculdade de Medicina, autorizada a conceder os títulos de doutor em medicina, de farmacêutico e de parteira, deixando assim os sangradores completamente desautorizados frente à medicina oficial. (PIMENTA, 1998)

Todo esse processo de desautorização das práticas de terapias populares é acompanhado de perto por pressão dos médicos, representantes de uma medicina acadêmica, que tenta impor o monopólio do exercício da cura. Contudo, a própria classe medica não era coesa e existiam conflitos, inclusive dentro da academia de medicina, o que dificulta a repressão à atuação de barbeiros, curandeiros e feiticeiros, dentro do cenário da cura. Um exemplo disso é o feiticeiro Juca Rosa que atuava na cidade do Rio de Janeiro de 1860 até 1871, de descendência africana. Sua atuação como grande curandeiro foi disseminada e ganhou fama por um longo período de tempo. Seu movimento vai atrair as mais variadas classes sociais, dando destaque principalmente às mulheres, mestiças ou negras. Ele ofereceu seus serviços de cura e feitiçaria em troca de dinheiro e principalmente lealdade dos seus seguidores, mas o que incomodava principalmente as classes mais abastardas era a preferência que algumas mulheres brancas tinham pelos seus trabalhos, de cura ou proteção, que muitas vezes subvertia uma ordem social vigente. Isso o leva a julgamento por estelionato, já que não existia o crime de feitiçaria na legislação do Império, assim sendo, foi condenado (SAMPAIO, 2003). O mais interessante que observamos no caso de Juca Rosa é que as pessoas que pagavam pela sua cura poderiam pagar pela assistência de um médico diplomado, já que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

muitas vezes os valores eram semelhantes, nos apontando que não era só a falta de médicos ou de condições para o pagamento dos mesmos que levavam a população em geral a escolher os tratamentos de curandeiros ou feiticeiros, e sim uma escolha própria que passava por uma aprovação da comunidade, de forma empírica ou mesmo simbólica, que determinado agente de cura tentava exercer sua arte (WITTER, 2001). Somando-se a esse fato a própria precariedade e divergência entre os médicos faziam com que a população tivesse tanta ou até menos confiança em seus tratamentos do que teria com um terapeuta popular.

Além disso, as escolhas entre a medicina acadêmica e as terapias populares nem sempre eram antagônicas, muitas vezes se recorria aos mais variados tipos de curas para o enfermo. Um exemplo disso foi o caso da jovem Henriqueta apontado por Witter (2001). Esse caso se passou em 1866 na vila de Santa Maria na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A família da jovem recorreu ao tratamento de pelo menos quatro agentes de cura: uma curandeira, o cirurgião-mor da vila, o médico homeopata e um boticário, sendo que nenhum deles conseguiu à cura da enferma. Isso nos mostra, mais uma vez, que as escolhas que o paciente fazia em relação aos seus agentes de cura, passaram mais pela relação de eficiência do tratamento, de forma simbólica ou não, do que propriamente uma questão de status social ou diploma de alguma faculdade médica.

Especificamente quando tratamos de sangradores, observamos um processo de certa forma singular, pois sangrar era uma prática extremamente importante dentro da terapêutica da época e como foi tido como um ofício manual, os médicos não consideravam uma prática digna de ser exercida por eles, muito embora eles também criticassem a prática feita por barbeiros por acharem que as técnicas usadas poderiam ser nocivas, pois haviam aprendido na prática de forma empírica (PIMENTA, 2003). Essa característica singular da sangria vai abrir um precedente ainda maior da atuação de agentes de curas populares, que usavam essa prática em seu repertório de cura.

A partir dessa constatação de que mesmo com a proibição oficial da prática da sangria por barbeiros, ou agentes de cura não pertencentes ao círculo médico oficial, havia uma grande margem de atuação para esses agentes, por pelo menos toda a segunda metade do século XIX, resolvemos tentar entender e observar se essa prática continuava disseminada na sociedade da corte ou se houve um grande efeito contrário



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

em consequência das proibições oficiais. Para tanto começamos esse trabalho de investigação empírica através de um mapeamento das lojas de barbeiros que anunciavam no Almanak Lammert. Os anúncios continham o nome completo da pessoa e o endereço de onde ela anunciava. Essas lojas tinham por características até pelo menos a primeira metade do século XIX, oferecer serviços diversos, como o corte de barbas, de cabelos, perfumaria e pequenas práticas de cura, como a sangria. Com as informações do Almanak, utilizamos um mapa padrão da cidade do Rio de Janeiro datado de 1852 (anexo). Para mapear as áreas de atuação das barbearias, dividimos o período de 1844 até 1889 em nove mapas que englobam cinco anos, observando as mudanças que esses estabelecimentos apresentaram ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Além do trabalho com mapas, através do Almanak Lammert podemos dispor de números referentes à dinâmica de atuação dos barbeiros e de suas barbearias na cidade do Rio de Janeiro.

De posse dessa fonte de pesquisa podemos constatar que até o fim do ano de 1889 temos um total de cerca de 2400 anúncios e 1000 anunciantes. Além disso temos ao longo de toda a segunda metade do século XIX um aumento gradual de anunciantes no almanaque, com uma média de 93 anunciantes por ano, sendo que o ano de 1888 foi o de maior quantidade de anúncios com o total de 181, e o ano inicial de 1844 foi o que teve o menor número de anúncios, com o total de 13. Como pudemos observar houve um aumento significativo de lojas de barbeiros ao longo de toda a segunda metade do dezenove. Além do aumento do número total de barbearias trabalhamos com duas outras categorias dentro desses dados quantitativos, o número de barbeiros antigos e novos que entraram ou não nesse circuito e o número de anunciantes que mudaram ou permaneceram no mesmo endereço entre um anúncio e outro. Sendo assim temos a inserção de poucos barbeiros novos dentro de cada ano de anúncio, uma média de apenas 24% junto com uma taxa ainda menor de 3% de barbeiros que mudavam de endereços. Esses números iniciais da análise nos indicam que além do aumento gradual das lojas de barbeiros, houve pouca variedade de mudanças de endereços e um pequeno número de barbeiros novos que anunciavam de um ano para outro. Isso nos indica uma permanência dos barbeiros e uma possível rede de solidariedade entre os que exerciam o ofício e os pacientes, assim como também as relações intra barbeiros, mas também ressalta a importância desse ofício na sociedade carioca do século XIX e sua razoável



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

renovação a cada ano. Outro dado que podemos observar de posse das informações do almanaque é que apenas 44 anunciantes entre todo o período analisado tinham mais de uma barbearia, como no exemplo: “Manoel Ribeiro de Carvalho, Rua de S. Pedro, n.º 129 e Praça da Constituição, n.º 20” (Almanak Lammert, 1878), o que também pode nos indicar a permanência de barbeiros entre as classes mais baixas de comerciantes e prestadores de serviço na corte.

Para elucidar melhor alguns dos dados apresentados anteriormente contamos com a tabela organizada de cinco em cinco anos com os números totais:

Anos	Numero de Barbeiros	Numero de Barbeiros Antigos	Numero de Barbeiros Novos	Numero de Barbeiros no mesmo end.	Numero de Barbeiros que mudaram de end.
1844-1848	139	79	60	73	6
1849-1853	187	149	38	145	4
1854-1858	287	197	90	187	10
1859-1863	483	334	149	324	10
1864-1868	543	432	111	418	14
1869-1873	616	515	101	493	22
1874-1878	434	362	72	357	5
1879-1883	608	466	142	454	12
1884-1889	962	848	114	833	15

Como observado na tabela principalmente no último quinquênio, houve um aumento muito significativo do número de barbeiros passando de 608 anúncios entre 1879-83 para 962 de 1884-89, isso nos indica que mesmo com uma desautorização por parte da medicina oficial da prática de sangria feita pelos barbeiros, as lojas onde se praticavam as sangrias só aumentaram o número, o que pode ser um indício de aumento da prática da sangria feita pelos barbeiros, mesmo com a repressão e a desautorização. Uma das causas desse fortalecimento das barbearias pode ser a indicação das possíveis



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

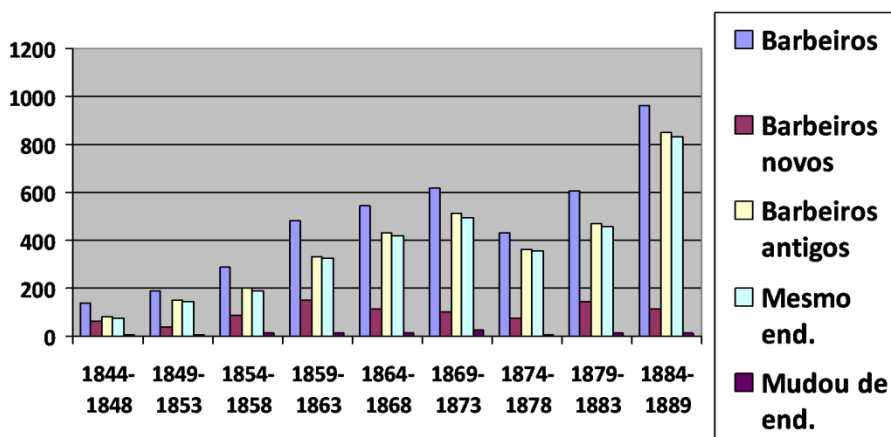
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

redes de solidariedades formadas através das permanências dos mesmos barbeiros, onde possivelmente se manteve uma clientela cativa e uma ajuda mútua entre os barbeiros, além de uma estratégia conjunta de melhoria de vida dentro dos limites impostos pela condição social dos praticantes.

Mesmo com a possibilidade da formação das redes de solidariedades e o fortalecimento que esse tipo de rede pode proporcionar para quem estava inserido nela, um segundo dado apresentado na pesquisa pode ir de encontro com o significativo aumento do número de sangradores e a questão da permanência nos mesmos endereços. Para melhor observar essa variação apresentamos o gráfico a seguir:



Nesse gráfico como a mudança dos endereços em cada quinquênio é extremamente pequena, embora esse dado indique que as redes de solidariedade intra barbeiros e entre barbeiros e clientes seja algo instituído e fortalecido, facilita a ação da fiscalização dos órgãos municipais frente às práticas de sangria realizadas dentro das barbearias. Podemos chegar assim a algumas hipóteses: a primeira era a incapacidade e de certa forma falta de interesse da fiscalização frente a prática da sangria nesses estabelecimentos e uma segunda hipótese foi a possibilidade que dentro desses estabelecimentos a sangria fosse cada vez menos utilizada como prática, deixando às lojas as atividades mais ligadas a estética e aos barbeiros itinerantes, a tarefa das sangrias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No caso do presente estudo, os mapas que fizemos e utilizamos nos foram importantes, pois nos permitiram a construção de uma nova perspectiva para abordar o assunto, vinculada às articulações espaciais que por outros métodos poderiam passar despercebidas. Ao fazer os mapas com os dados dos endereços dos barbeiros, pudemos observar onde se concentrava a atuação espacial desse ofício na cidade, além das modificações e deslocamentos que ocorreram com o passar dos anos. Com essas informações foi possível cruzar esses dados espaciais com outras fontes, como os inventários, conseguindo chegar a um entendimento mais completo da atuação e das transformações desse ofício na cidade.

O primeiro mapa feito e analisado corresponde ao período de 1844 até 1848. Nesse mapa temos a marcação de 41 endereços de anunciantes. Sua concentração espacial se encontra principalmente nas áreas centrais da cidade, entendendo como centro da cidade, o espaço que ia desde o limite natural da Baía de Guanabara até o Campo de Santana, no eixo Leste-Oeste e no eixo Norte-Sul do morro do Livramento até o morro do Castelo, se destacando o entorno da atual praça XV e os primeiros números da Rua Primeiro de Março. Além desses endereços, temos uma concentração significativa ao longo das Ruas do Ouvidor, na Rua do Sabão e na Rua de São Pedro². Observamos já nesse primeiro mapa uma presença significativa das lojas de barbeiros na cidade, principalmente no Centro, o que nos indica que os anunciantes eram provavelmente pertencentes à classe mais baixa da sociedade carioca, já que nessas áreas mais centrais da cidade se concentrava um maior número dos grupos socialmente subalternos.

A concentração de anunciantes nas ruas e imediações apontadas no primeiro mapa se repetiu até pelo menos o mapa correspondente ao quinquênio de 1859-1863, sempre se observando um aumento ano a pós ano, da presença dessas lojas no cotidiano dos cariocas. A partir do mapa que corresponde os anos de 1859-63, tivemos um aumento muito significativo da concentração de anunciantes nas imediações do Largo de São Domingo (atual Av. Presidente Vargas) e ao longo de toda a Rua Primeiro de Março. É a partir desse mapa que podemos observar uma expansão dessas barbearias

² Sendo que as duas últimas ruas não existem mais, tendo sido destruídas para a construção da Avenida Presidente Vargas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

para outras áreas, como além do Campo de Santa Ana, Lapa e Glória. Essa tendência acompanhou um crescimento da cidade para as áreas antes pouco povoadas. Muito embora se observe esse aumento, não houve um esvaziamento da presença das barbearias nas áreas centrais da cidade. Pelo contrário, houve um aumento da concentração. Observamos que os estabelecimentos indicados pelo mapa nas áreas periféricas da cidade são de barbeiros novos, pois como se observou anteriormente, a taxa de barbeiros que mudaram de endereço foi de apenas 3 %. Na série toda não comportaria o aumento que se observou.

O mapa correspondente ao período de 1864-68 destaca-se como o ápice da concentração das barbearias no centro da cidade, sempre com um aumento contínuo dos estabelecimentos a ponto de que no período correspondente a esse mapa, tenha existido pelo menos um estabelecimento de barbearia em cada rua da cidade. O mapa correspondente ao período de 1869-1873 mostra uma maior dispersão das lojas para as áreas periféricas da cidade, mudando um pouco o padrão de concentração. Mesmo assim, o número de barbearias continuou extremamente alto no período, no centro da cidade. Esse aumento na dispersão das barbearias foi visto como algo decorrente do crescimento natural da cidade para áreas antes pouco habitadas (SOARES, 2007, p. 22 e 23).

No período correspondente aos anos de 1874-78 observamos a primeira queda no total de número de barbearias anunciadas na cidade. Essa diminuição se refletiu principalmente nas zonas periféricas da cidade, perdendo grande concentração das barbearias antes anunciadas. Ao analisarmos os números da inserção de novas barbearias nesse período, vimos que a diminuição desses estabelecimentos teve mais a ver com a pouca inserção de novas barbearias do que a diminuição das barbearias antigas. Nesse ponto da pesquisa imaginávamos que haveria um decréscimo natural em relação aos próximos mapas, por conta da repressão oficial às práticas terapêuticas exercidas nesses lugares, já que por sua estrutura física fixa, seriam lugares mais frágeis frente a fiscalização oficial. Mas o que se observou posteriormente foi que essa queda no quinquênio de 1874-78 foi singular e não foi acompanhada nos outros mapas posteriores, onde o ritmo de crescimento das barbearias aumentou em relação aos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

primeiros mapas, se concentrando tanto nas áreas centrais quanto uma forte expansão para as zonas periféricas da cidade.

Nos dois últimos mapas de 1879-1883 e de 1884-1889, observamos um grande aumento das barbearias e sua disseminação entre todas as áreas centrais da cidade e as zonas periféricas, incluindo algumas indicações para áreas que não estavam contempladas no mapa, como: Tijuca, Glória, Flamengo e Lagoa. Isso indica mais uma vez, a permanência e o aumento do número dessas barbearias que acompanharam de perto o ritmo de crescimento acelerado que se apresentou na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Nesse levantamento quantitativo feito através dos números e mapas apresentados anteriormente, pretendemos analisar se houve uma permanência dos barbeiros através de suas lojas na cidade na passagem da primeira metade do século XIX para a segunda. Trabalhos anteriores como os de Pimenta (1997, 2006), Jeha (2006) e Pires (2006), indicavam que havia uma permanência dessa prática em toda a primeira metade dos Oitocentos, mesmo com a desautorização sofrida com o fim da Fisicatura e o aumento da fiscalização, que embora fosse insuficiente, existia. Observamos que houve um aumento significativo e ininterrupto do número de barbearias em todas as localizações da cidade, o que inicialmente poderia ser interpretado como uma continuação e aumento das práticas de sangria desautorizadas na cidade.

Outro fato que pudemos observar através desse estudo quantitativo foi a importância que essa atividade teve na cidade. Um grande número dessas lojas ocupou espaço significativo na cidade, nos indicando o quanto essas lojas eram importantes para a população em geral, que muitas vezes escolhiam as práticas de curas desautorizadas por entenderem que elas melhor atendiam seus anseios e perspectivas (Witter, 2001). Muitas vezes a própria medicina oficial recorria a esses sangradores por entenderem que era cabível a sua atividade frente a um problema de um enfermo ou mesmo por falta de pessoal especializado que se dispusesse a fazer a sangria. Um bom exemplo disso foi apontado por Pimenta (2006), quando se refere aos espaços de atuação desses sangradores no hospital da Santa Casa de Misericórdia:



“Ademais, o número de pensionistas nunca foi suficiente para dar conta das sangrias que deveriam ser feitas. Até o final do período estudado, a Santa Casa continuava a contratar fornecedores de sanguessugas, que incluíam no serviço as aplicações por sangradores. (...). Portanto, apesar da diminuição do espaço para atuação dos sangradores, estes ainda tinham de ser tolerados, de preferência, sob supervisão dos empregados do hospital (PIMENTA, 2006).

Sendo assim procuramos chegar mais perto do ambiente dessas lojas e de suas práticas, mudando o foco, passando para uma análise mais qualitativa da situação da sangria e dos barbeiros. Pretendemos com essa abordagem nos aproximamos da vida dos barbeiros identificados na pesquisa e checar as possíveis mudanças que a prática da sangria, sofreu na passagem da primeira para segunda metade do século XIX e também as permanências que puderam ser observadas

Com a proposta da análise dos inventários, conseguimos identificar dez inventários de barbeiros que atuavam no Rio de Janeiro no período estudado. Como característica geral desses praticantes, conseguimos observar algumas diferenças importantes em relação aos barbeiros tradicionais que faziam a sangria na primeira metade do dezenove. A principal diferença foi a mudança que as barbearias passam se transformando aos poucos em estabelecimentos mais voltados a estética (oferecendo corte de cabelo, barbas e produtos de perfumaria), do que propriamente as artes de cura. Um exemplo disso é o caso de Antonio Rodrigues Fontes, onde em seu inventário encontramos um cartão que anunciava a sua loja: “Ao Salão Elegante para barbear e cortar cabelos de A R Fontes, Rua dos Ourives 77, Tem sempre um Completo sortimento de Perfumarias e Salla particular para tingir barbas e Cabellos.”³. Essas barbearias aproximaram-se cada vez mais dos salões de beleza que nós observamos nos dias atuais. Isso explica o aparente paradoxo de que mesmo com o passar dos anos e o aumento da fiscalização contra os praticantes das artes de curas populares, houve um aumento significativo nas barbearias em toda a cidade, o que nos indicou que esse aumento foi mais em decorrência da mudança de perfil das barbearias. É importante deixar claro que embora dentro dessas lojas haja esse tipo de migração, havia barbeiros ambulantes que praticavam a sangria até pelo menos o fim do século XIX



(FIGUEIREDO, 2002), sendo essa atividade menos reprimida em decorrência da dificuldade de localização dos mesmos.

Outra modificação importante que a nosso ver está extremamente vinculada à mudança do perfil das barbearias foi à presença maior de portugueses nesses estabelecimentos. Dos inventários analisados, dois se destacam nesse aspecto o de Antonio Rodrigues Fontes e Felisberto de Campos⁴, nos dois casos os barbeiros eram Portugueses que vieram para o Brasil, a partir da segunda metade do dezenove, também existe a indicação de que suas lojas eram mais voltadas à estética do que a cura.

Para além dessas modificações no interior das lojas de barbeiros, encontramos a permanência dos barbeiros ambulantes que circulavam na cidade oferecendo suas curas e uma parcela que mesmo com as modificações sofridas pela a cidade ainda ofereciam seus serviços em lojas.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas:

Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, Caixa 349 Número 5025.

Arquivo Nacional. Inventário de Felisberto de Campos, Caixa 259 Número 6039.

Fonte Impressa

Almanak Laemmert- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil, anos de 1844 a 1889.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves . *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

JEHA, Silvana. *Ganhar a vida. Uma história do barbeiro Antonio José Dutra e sua família*. Rio de Janeiro, século XIX. In: USOS DO PASSADO XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 2006, NITERÓI. USOS DO PASSADO

4 A.N. Inventário de Felisberto de Campos, cx. 259 n. 6039



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO. Programação geral, 2006.

PIMENTA, Tânia Salgado. “*Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fiscatura-Mor no Brasil do começo do século XIX*”. Dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp, 1997

_____. *Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

_____. *O Discurso Médico sobre Escravidão no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX*. In: IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba, 2009.

_____. *O Exercício das Artes de Curar no Rio de Janeiro da Primeira Metade do Oitocentos*. In: Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde, Rio de Janeiro. Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde. 2006.

PIRES, Ana Flávia Cicchelli . A participação dos sangradores no comércio atlântico de escravos. In: XII Encontro Regional de História, 2006, Niterói. Anais do XII Encontro Regional de História, 2006.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. (Org.) ; CHALHOUB, S. (Org.) ; GALVAO, C. (Org.) ; MARQUES, V. (Org.) . *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.